

FILHA MÃE AVÓ E PUTA

.....o teatro é da vida.....

O Grito de Belém:
Prostituição não é doença



Beijo
da rua



Setembro de 2011 – Uma publicação

Esta edição destaca o Encontro de Belém, aberto com a leitura da Carta de Princípios da Rede Brasileira de Prostitutas, dando o rumo para debates e deliberações históricas. A mesma Carta foi adotada por prostitutas moçambicanas que decidiram se organizar, como contamos na página 8. Ela foi publicada na íntegra na edição de agosto, disponível no link

www.beijodarua.com.br/agosto2011.pdf. Este número também está na internet, em www.beijodarua.com.br/setembro2011.pdf. A cada edição, basta trocar o mês para ter acesso ao jornal.

Outra reportagem trata da CPI do Tráfico de Pessoas, que promoveu audiência pública no Rio. Entre confusões de conceitos e pânico moral, como costuma acontecer com esse tema, a sessão teve um momento de alta tensão. Foi quando um delegado da Polícia Federal relatou operação que impediu a viagem de 13 brasileiras ao exterior, por “suspeita” de que seriam “exploradas sexualmente”. Outra suspeita surgiu então: a de que a PF havia violado o direito de ir e vir dessas mulheres. O que aconteceu depois está nas páginas 10 e 11.

Este número, excepcionalmente, não publica as colunas No Ponto e Boa de Comer. Isso se deve às cinco merecidas páginas dedicadas ao Encontro de Belém. Em compensação, a coluna Quem viu, curtiu, que não viu... foi produzida pouco antes do jornal entrar nas rotativas, num belo esforço de reportagem.

É uma coluna que se associa com a da Gabi, já que ambas tratam da peça “Filha, mãe, avó e puta”, adaptação do livro de mesmo nome de autoria de Gabriela Leite. A diferença é que ela escreveu antes da pré-estreia, sobre as expectativas de se tornar uma personagem no teatro. E Quem viu cobre justamente a noite em que isso aconteceu.

Bom proveito. E escreva pra nós. Críticas e sugestões: beijo@davida.org.br.

Fundadora
GABRIELA LEITE

Editor
FLAVIO LENZ
(RP MTB 13.193)

Arte
SYLVIO DE OLIVEIRA

Uma publicação
Davida – Prostituição, Direitos
Civis, Saúde
Cartas, sugestões, críticas:
beijo@davida.org.br

Apoio
Fundo Brasil de
Direitos Humanos



Distribuição gratuita



Dicas de viagem e prostitutas de Moçambique P. 8



CPI do Tráfico de Pessoas convoca delegado federal P. 10



Gabi: Minha vida no teatro P. 12



Prostituição não é doença P. 3

Foto: Friederike Strack



Grito de independência

Prostitutas rejeitam associação com doenças para construir identidade profissional e políticas públicas

Prostitutas e aliados das cinco regiões, clientes, artistas, membros dos Executivos federal e da Região Norte, da Assembleia Legislativa do Pará, da Ordem dos Advogados do Brasil, empresários da noite, ativistas LGBT e de combate à Aids. Mais de cem pessoas participaram do Encontro Regional DST/HIV/Aids e Hepatites Virais na Prostituição: Desafios na Amazônia Legal, promovido pelo Grupo de Mulheres Prostitutas do Pará (Gempac), em Belém, de 4 a 6 de agosto.

Na abertura, um cabaré emoldurou discursos políticos, históricos, poéticos, da moda e da visibilidade, no Teatro Estação Gasômetro. Nos dois dias seguintes, no auditório da OAB, no hotel e no Coceira de Macaco, debates consolidaram deliberações. Ato público na Praça da República, centralizado no Bar do Parque, denunciou o abandono e lançou o desafio da reconquista de espaços onde a boemia se faz cultura e política de vida.

Nestas páginas, textos e imagens mergulham nos sentidos produzidos em Belém, da abertura às deliberações finais, incluindo a histórica decisão de recusar a associação de prostituição com doença, num movimento de construção de identidade profissional e de políticas públicas que contemplem as diversas questões da categoria. O texto é de Leila Barreto, do Gempac, e a edição de Flavio Lenz.



Foto: Carlos Boução

No princípio é a Carta

No escurinho do teatro, sob um foco de luz, surge em movimento a mulher-atriz Mariléia Aguiar, de vermelho e preto, lendo a Carta de Princípios da Rede Brasileira de Prostitutas. O que combate e defende, e como atua o Movimento de Prostitutas no Brasil, este é o começo, o alicerce de onde sobe a casa das putas.

Ilumina-se então o palco em formato de cabaré, acolhendo artistas, doutos e leigos, célebres e desconhecidos, autoridades e autorizados, diante da plateia em formato de sociedade.

Na mesa de abertura, poderes locais e nacionais fazem saudações e lembram o que o Movimento de Prostitutas no Pará vem construindo em mais de 20 anos. Assim, Legislativo, Executivo e Sociedade Civil abrem oficialmente o Encontro, de forma aliada e festiva, como os donos que abrem a Casa aos prazeres prometidos para a noite.

As amigas Lourdes Barreto e Gabriela Leite, lideranças convidadas a fazer o Painel de Memória da Rede Brasileira, recontam os Princípios e também a História. Histórias suas que fizeram um movimento. Falam de política, que bem sabem fazer, de parcerias que é preciso rever, mesmos considerando a importância de constituí-las.

Em plena emoção de uma luta não maior que estas mulheres, lembram que muitas vezes nem imaginaram ser possível o que é, e que ainda têm desafios; o maior deles, a falta de identidades das prostitutas. Lágrimas rolam suaves em Gabi e teimam em Lourdes. Juntas, recebem o agradecimento da sociedade ali representada. Há participantes e convidados dos estados do Pará, Amapá, Amazonas, Roraima, Maranhão, Piauí, Mato Grosso do Sul, Brasília, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul.



José Augusto de Melo (Coordenação de Aids-Pará), Lourdes Barreto (Gempac), Lucia Paz (NEP), deputado estadual Edmilson Rodrigues, Amujaci Brilhante (Gempac). Foto Carlos Boução



Gabi e Lourdes. Foto Carlos Boução

ZONA LIVRE

3



Em um painel por trás dessas grandes mulheres é apresentado o clipe “Vinte anos do Gempac: das esquinas do Centro antigo de Belém aos Garimpos da Amazônia Legal”. Nele, o eterno aprendiz, em sua composição “Eu apenas queria que você soubesse”, canta e conta nas imagens desta história a poesia em que Gonzaguinha consagra os caminhos de um grande movimento.

Foto: Carlos Boução



Agora são servidos drinques por gogo girls e gogo boys, fazendo a integração e o convite entre os espaços. No cenário estão imagens de diversos cabarés de nosso país; sua composição é de recortes e lembranças, flores em mar vermelho, espelhos, poltronas, imagens santas e de propaganda de tudo que acontece na vida. Ao centro, clama o estandarte: “As mulheres são iguais em todas as profissões”.

Daspu é uma puta parada

Em súbito e bom som, um Funk se faz presente em sua batida de entrada, e muito esperada nesta noite: Daspu é uma puta parada, Daspu é uma parada de puta. Nos bastidores, modelos estreadas e veteranas, prostitutas sobre o salto e no poder de sua grife, ao lado de importantes aliados, preparam seu brilho de estrelas nesta grande noite. Suavemente, contrapondo-se à batida do funk, a trilha muda para o passado e o Teatro Gasômetro mergulha com os personagens ali presentes no universo da Vida: bregas, saudade, merengues, boleros, tecno, batidas melódicas e marcantes do passado e presente acompanham os passos da diversidade de modelos na moda Daspu de ser, cada um em seu show particular, mas compondo produção local caprichada e competente.

O desfile Daspu, que tanto mobilizou a cidade de Belém, é ovacionado a cada modelito, perna, carão e boca na passarela-passeata (como criou muito bem Elaine Bortolanza, modelo Daspu e militante desta Rede). A moda sem vergonha, feita pra mudar, tem uma das maiores coberturas locais de mídia já recebidas.

Mas a noite não para aí. O Encontro

Regional com cara de Nacional, em sua representatividade do Brasil recepcionado pelo Pará, quis sair do óbvio de mais um evento: as vulnerabilidades a infecções como as DST, Aids e hepatites virais estão diretamente ligadas à não efetividade de políticas que fortaleçam as pessoas, as dignifiquem e lhes garantam cidadania. Assim, o Encontro precisará ganhar as ruas, pensado como um grito, exigência de visibilidade, daquelas que estão, incrível que pareça, muitas vezes na invisibilidade.

Encadeando uma noite especial, um neto de puta, nesta noite modelo Daspu, declama “Flor do Catolé” para homenagear as grandes líderes Gabriela e Lourdes, que recebem flores como forma pública de reconhecer vidas dedicadas à política deste movimento e seu papel histórico na sociedade brasileira.

Servem-se coquetéis, visitam-se estandes, fazem-se compras, integram-se e espalham-se os personagens. Fecha-se o cabaré, saciados partem, e abrem-se os debates.



Ju Ribeiro, a noiva Alanna Pingray, da produção, e o cantor e produtor Eloy Iglesias. Foto Carlos Boução



Thiago Barreto, filho e neto. Foto Carlos Boução



Ju, filha e neta.



Geovani Lima, prostituta e atriz. Foto Carlos Boução



Homenagem a Lourdes e Gabriela, com Lourival Marsola e Leila Barreto. Foto Carlos Boução





Não ao gueto da Aids. Sim a todos os direitos

É hora de meter a mão na cumbuca DST/Aids e hepatites virais. Prostitutas brasileiras, cidadãos desta nação, dialogam com o governo e elaboram agenda que corresponda a suas especificidades: não mais vistas como “disseminadoras de doenças” ou de camisinhas, mas protagonistas de políticas junto aos órgãos públicos e atores sociais, consolidando o trabalho em rede protagonizado no Brasil.

Prostitutas dialogam há anos com o governo sobre as políticas de Aids e protagonizaram a bem-sucedida resposta brasileira. “É através do movimento que conseguimos chegar lá na zona”, confirma Claudiana Cordeiro, da Coordenação de Aids do Maranhão. Agora dialogam em outro tom, reconhecendo o que compartilham, mas ressaltando o claro entendimento dos papéis, como destaca Lúcia Paz, do NEP: “A Rede se modernizou e as organizações e governos têm que perceber este novo momento, e urgente”.

Então, desfilam nas falas das prostitutas palavras e frases como: “preservativos”, “parceria com o governo”, “vão à zona fazer o trabalho de prevenção”, “não temos compreensão da política que integra Aids e hepatites virais, e esta não chegou às prostitutas”, “a sustentabilidade do trabalho é pequena ou limitada à abrangência da intervenção do movimento”, “sabemos dialogar com o governo”, “nos garimpos e fronteiras é diferenciado”, “levamos a política da Rede Brasileira de Prostitutas em nossas atuações”. Enquanto diz o governo: “nós dialogamos e trabalhamos com as prostitutas”, “o que nos solicitam atendemos”, “são fundamentais nesta política”.

Sem camisinha

Na Região Sul, decidiram não levar preservativos nas visitas às colegas. Vão às zonas e boates só para falar da auto-organização, direitos trabalhistas e humanos das prostitutas. A aceitação foi muito difícil no início, relata Lúcia, porque as prostitutas estão esperando camisinhas. Esse exercício está sendo compensador, com muitas mulheres se inscrevendo no INSS e garantindo direitos pela CBO.

Algo realizado em todos os estados, mas sempre levando junto o preservativo. “O que antes era tido como estratégia, hoje se apresenta como faca de dois gumes”. O contexto da prostituição tem outras questões tão ou mais relevantes do que a prevenção. Hoje ocorre como no passado: o confinamento das prostitutas a programas relacionadas à Aids, as mulheres da vida representadas como foco de doenças sexualmente transmissíveis. A diferença é que hoje algumas delas são “profissionais do governo”, repassadoras de camisinhas.

O SUS é nosso, o confinamento, não

As prostitutas querem mais do que isso, principalmente se querem como cidadãs, parte da sociedade. Com suas especificidades, ou, como escreveu Flavio Lenz, assessor e aliado da Rede: “O específico é um determinado setor da

sociedade, com suas respectivas especificidades – e não apenas uma, como as DST//Aids, no caso das prostitutas. Políticas públicas de fato devem se voltar para as diversas questões de um grupo social”.

É necessária, assim, uma revisão da parceria. Nos debates é destacado que as prostitutas têm que pensar o acesso ao SUS e não esperar que as organizações levem a elas insumos; que devem ir aos postos e exigir seus preservativos, consultas e acesso à qualidade de vida, pois o SUS é da população brasileira e não do governo ou dos programas de Aids, reforçam Gabriela Leite e Lourdes Barreto.

Não podemos continuar fazendo um trabalho confinado às políticas de Aids, a reforçar o estigma, a vitimização e o controle sanitário das prostitutas, o que se contrapõe aos princípios desta Rede, de autonomia, acesso integral e principalmente de identidade.

Feminização avança e enfrentamento marcha pra trás



O que se apresenta nesta mesa pode ser encontrado nos sites públicos que tratam do tema. Na vida real, há descontinuidade e ações não integradas. A cada novo gestor o Plano Integrado de Enfrentamento da Feminização da Aids e outras DSTs avança ou não. Pelo olhar da sociedade civil, este Plano exigiria maior participação das prostitutas. Para isso, é necessário o reconhecimento de sua identidade como mulher e cidadã. A identidade profissional não reconhecida inviabiliza a visibilidade, identidade de mulher, e aumenta assim a vulnerabilidade à infecção.

Em Barcarena, um projeto de pesquisa sobre a feminização, desenvolvido pela Universidade Federal do Pará e coordenado pela professora Eunice Guedes, demonstra o impacto de uma sorologia positiva, do acolhimento inicial ao tratamento: abalo social na família, pouco acesso aos serviços, da atenção básica aos mais especializados.

Na Região Amazônica o Plano não saiu do papel, por responsabilidade de governos e sociedade civil. Parte deste processo está nas mãos de uma categoria que “precisa sair de um gueto, que reforça estigmas e vitimizações”. As prostitutas precisam intervir nas políticas e planos como parte da sociedade, e sem identidade isso é quase impossível.

5
ZONA LIVRE



Discutindo a relação



Ao se tratar da nova estrutura organizacional e competências do Departamento Nacional de DST/Aids e Hepatites Virais, há diálogos polêmicos entre atores que se tratam como parceiros. A presença deste Departamento em nossos eventos faz parte do processo. Precisamos dialogar com nossos aliados e descobrimos que precisamos também rever relações. Não confundir nossos papéis. Estar juntos não significa ser iguais: governo é governo, movimento é movimento. Essas estruturas podem realizar revoluções, mas com clareza em seus papéis.

Neste painel, como no anterior, poderíamos acessar um site e conhecer certas informações. Importa que a nova estrutura ficou menor e que ainda está arrumando a casa. Algumas perguntas não respondidas, principalmente em relação à integração Aids e hepatites e à sustentabilidade desse processo. Mudanças constantes de gestores acarretam descontinuidade de ações que precisam ser consolidadas em uma Região com contextos geográficos diferentes, que apontam medidas estratégicas e efetivas.

Lembra a descentralização, até hoje mal elaborada em estados e municípios, como o próprio monitoramento das ações.

O agravante é que a representante do Departamento, Noêmia Lima, confunde uma federação do Nordeste com a Rede Brasileira de Prostitutas, ao relatar uma parceria com aquela entidade. Mas temos uma longa trajetória com o Ministério da Saúde, que sabe muito bem que a política da Rede não corresponde à desenvolvida pela tal federação, na qual cafetinas e movimentos que atuam na prevenção estão intervindo. A política da Rede Brasileira de Prostitutas não corresponde à política atual do Departamento.

A insustentável confusão de papéis

O governo espera que tenhamos sustentabilidade e nós esperamos que o governo a garanta. Nova confusão de papéis. Os governos estão fazendo o trabalho do movimento. E nós, o deles. E nessa relação perde o movimento.

Pois o governo passa a ideia de que o trabalho é só de prevenção. Nada contra a prevenção, daí os resultados dessa política no que se refere ao acesso a insumos e aceitação positiva a eles. Mas estamos pensando, querendo e fazendo muito mais.

E o SUS e as prostitutas? Nossa prática reforça que as mulheres não se apropriem da acessibilidade. Política pública e controle social. Precisamos voltar às ruas.

Como o movimento, com tão grande capacidade política, vivencia alto desgaste de suas lideranças para manter ações básicas que nem lhe cabem, como distribuir preservativos? O governo repassa a camisinha, a ONG busca e leva até áreas de prostituição. Isso inclui recursos financeiros, humanos e mesmo técnicos.

Temos responsabilidade nesse processo. Viramos profissionais no repasse de preservativos, acompanhado de qualificada informação. Prostitutas vinculadas a projetos agem como contratadas para tal, e se diferenciam das colegas.

Gabriela diz que “estamos muito lineares, mas o ser humano não é linear, é complexo”. A conjuntura tem buscado este aspecto linear, irreal. O movimento social, por ter parceria e interlocução com o governo, não briga mais. Caso isto ocorra, o governo acha que o parceiro não está sendo parceiro.

Sustentabilidade demanda recursos, comportamentos, intervenção nas realidades, nas culturas, na sociedade, responsabilidades. Clareza dos papéis de seus protagonistas. Autonomia e muito respeito.

Coceira de macaco alivia mas não passa

Num encontro itinerante que ocupou vários espaços na cidade, agora é hora e vez do Bar Coceira de Macaco (alivia mas não passa). A chuva fininha não assusta ninguém, novas colegas chegam e a categoria fala de si e traça pautas.

Os dois pontos mais enfocados: relação com o governo e sustentabilidade do movimento. Questões como: “precisamos delimitar quem somos”, não queremos mentiras faladas”, “não somos repassadoras de camisinhas”, “deixar claro que nossa política de Rede não é a política do Departamento”, “alternância de representações”, “fim de programas que não respondam a nossas questões”, “parcerias com Daspu”. “Queremos ser felizes”.

Mais de 30 prostitutas, amigos presentes. Ânimos exaltados como num sindicato. Posições declaradas, sem disfarces, deixando o politicamente linear. Debate de alto nível de representatividade e legitimidade.

Há consenso no que se refere ao governo, com a decisão de elaborar documento sobre a revisão de estratégias. Quanto à parceria com Daspu, representações do Piauí e de Mato Grosso do Sul preferem marca própria. Na compreensão da maioria, Daspu é marca nacional e internacional já reconhecida e respeitada, fortalecê-la será importante para a sustentabilidade do movimento. O que não inviabiliza projetos locais.



Um beijo no Parque

Uma caravana de putas e aliados sobe a Presidente Vargas rumo ao Bar do Parque, na Praça da República. Cada um leva o jornal 'Beijo da rua', onde se lê em destaque: "Pecado não é crime". Vamos pelas calçadas, sem fechar o trânsito, chamando a atenção para nosso movimento e aquela manchete. 'Beijos' são entregues no percurso.

Lourdes sobe ao elevador do Bar do Parque e fala de sua importância, da cultura ali depredada, em abandono. Este ato-protesto une-se à luta das por respeito.

Todos dão um grande abraço no Bar do Parque. Um abraço com 'Beijo'. Pois só quem faz a política do afeto sabe dar um abraço.

Temos o apoio dos que passam, clientes do botequim gritam com as prostitutas e seus amigos: "O Bar do Parque não pode morrer".

Deliberações

1. **Elaboração de carta** ao governo brasileiro com as pautas prioritárias do movimento e sua agenda política, bem como medidas legislativas que garantam às prostitutas a mesma proteção, recurso legal e apoio social que se dá a qualquer homem ou mulher em caso de violação de direitos humanos, além de garantir direitos migratórios e sexuais. Pautas elencadas: direitos sexuais, direitos humanos, tráfico de pessoas, drogas, legalização do aborto, fronteiras e trabalho sexual, SUS, feminização da Aids. Pautas prioritárias: direitos sexuais, migratórios e turismo sexual.

2. **Não participar nacionalmente de editais** relacionados à Aids, considerando que a política de Rede não é a do Departamento Nacional de DST/Aids. Isso não nos desabilita ao diálogo e a ocupar espaços de interlocução política. Reforçamos que os movimentos que compõem a Rede analisem crítica e politicamente participação em editais que: comprometam os Princípios da Rede e não atendam a suas questões; reforcem as prostitutas como repassadoras de doenças e de preservativos; não



Foto: Friederike Strack

garantam sustentabilidade de ações, inviabilizando execução. Precisamos estabelecer novo diálogo com o governo, em atenção ao que é reconhecido oficialmente: o papel fundamental do movimento social na resposta brasileira na luta contra a Aids.

3. **Não se aliar a programas**, projetos e ações que não respondam às nossas questões e pautas prioritárias ou que comprometam ou não respeitem os princípios da Rede.

4. **Moção de apoio ao juiz** André Luiz Nicolitt, de São Gonçalo (RJ), que autorizou funcionamento de casa de prostituição, distinguindo direito e moral, crime de condutas socialmente aceitas, garantindo "princípios fundamentais da República, como a livre iniciativa e os valores sociais do trabalho (art. 1º da Constituição/1988)".

5. **Assumir espaços de boemia** e da cultura das cidades, a fim de a prostituta assumir seu papel e importância nesses espaços e de buscar sustentabilidade para o movimento.

6. **Manutenção do formato atual** da Executiva da Rede, em colegiado.

7. **Realizar ações em massa** e de preferência integradas e/ou simultâneas, em estados e municípios, sobre eventos internacionais e a respeito da CBO.

8. **Acompanhar a integração Aids e hepatites virais** e efetivar nova relação e parcerias que estabeleçam efetiva sustentabilidade nessa nova conjuntura política.

9. **Formalizar documento sobre o estudo** "Taxas de prevalência de HIV e sífilis e conhecimento, atitudes e práticas de risco relacionadas às infecções sexualmente transmissíveis no grupo das mulheres profissionais do sexo", a respeito de coleta e análise de dados.

10. **Articular com parlamentares** nos estados o desarquivamento do projeto de lei 98/2003, de Fernando Gabeira.

11. **Estabelecer parcerias com Daspu** nos estados que desejarem. Gempac buscará apoio para projeto nacional. Recomenda-se promoção de desfiles com produções locais, para fortalecer a luta e gerar recursos. Reconhecimento e valorização de nossa mídia impressa e on-line **Beijo da rua**, para que nossas significações circulem pela sociedade.

12. **De 2 a 4 de junho de 2012, Gempac** sediará o VI Encontro da Rede Brasileira de Prostitutas. A programação serão os itens da Carta de Princípios da Rede. O 2 de Junho, Dia Internacional da Prostituta, poderá contar com ações integradas nos estados. Na abertura, Daspu lançará coleção ligada à Amazônia, em parceria com Gempac, Arte pela Vida, Caixa de Criadores e Universidade da Amazônia. Os estados custearão suas delegações e o Gempac, produção local, palestrantes e sua delegação nos municípios. Será deliberado o estado que sediará o VII Encontro e a nova composição do colegiado.



ZONA LIVRE





Friederike Strack

Dicas de viagem

Quem quer ir à Europa para trabalhar na prostituição pode consultar a internet para conhecer leis sobre prostituição, migração, acesso à saúde, e onde obter informações e apoio em 25 países. A página foi desenvolvida pelo Tampep, uma rede euro-peia de 26 organizações que trabalham com e para prostitutas na batalha por seus direitos. Tem versões em espanhol, inglês, francês e russo.

Com serviços

São listados 369 serviços com endereços e horários na Alemanha, Áustria, Bélgica, Bulgária, Dinamarca, Eslovênia, Espanha, Estônia, Finlândia, França, Grécia, Holanda, Hungria, Itália, Letônia, Lituânia, Luxemburgo, Noruega, Polônia, Portugal, Reino Unido, República Tcheca, República Eslovaca, Romênia, Suíça.

E conselhos

As ofertas incluem conselhos jurídicos relacionados à prostituição, leis migratórias e de família. Na área de saúde, serviços ligados a aborto, câncer, contraceptivos, vacinas, hepatites B e C, prevenção, teste e tratamento de HIV/Aids, oftalmologia, dentistas, teste de gravidez, terapias hormonais, troca de seringas. Confira em

www.services4sexworkers.eu.

Dúvidas na Romênia

O ministro do Trabalho da Romênia foi à TV dizer que mais de metade da população adulta do país é favorável à legalização da prostituição, segundo pesquisas dos últimos três anos. Já o Parlamento rejeitou projeto que permite acesso das prostitutas à seguridade social, saúde e aposentadoria, e a igreja ortodoxa queixou-se que a proposta representa “ruptura entre lei e moral”, apesar de prostituição não ser proibida no novo Código Penal. O problema do projeto era outro: só valia para mulheres, maiores de 16 (foto no alto), que atendem homens.

É proibido anunciar

Um decreto presidencial proíbe desde julho anúncios de serviços sexuais na mídia argentina. Christina Kirchner se curva ao movimento feminista, que afirma defender a redução da violência contra a mulher, incluindo o tráfico de pessoas. Ammar se pronunciou contra porque a lei “criminaliza a atividade”.



Batalha no trânsito

Prostitutas de Els Alamus, na Catalunha, têm que usar uma roupa especial de trabalho para se proteger de acidentes de trânsito: um colete amarelo que reflete a luz dos faróis. Na região, muitas mulheres batalham nas estradas. O prefeito mandou os policiais multarem as prostitutas “despidas” em 90 reais.

Desconto ecológico

Quem vem de bicicleta ou mostra sua passagem de transporte público ganha desconto de 10% num programa no bordel Maison d’Envie, em Berlim. Diariamente, três a cinco clientes ajudam na redução do gás carbônico da casa, onde 30 minutos de prazer custam 120 reais.

Moçambicanas criam associação e adotam Carta de Princípios da Rede

Um grupo de prostitutas de Maputo, capital de Moçambique, está se preparando para criar uma associação, a primeira no país a se organizar em prol dos direitos humanos da categoria. A Tiyane Vavasate, que em português significa Mulheres, Fortaleçam-se, pretende iniciar em breve suas ações por melhores condições de vida, de saúde, de trabalho e de segurança para todas as prostitutas de Moçambique, atuando em parceria com o governo, a sociedade civil e organismos internacionais.

Em agosto, com apoio da Pathfinder International, o grupo participou de uma oficina onde foi desenhado um plano de ação de advocacy, com o qual pretende chamar a atenção do Ministério da Saúde para a necessidade de incluir interesses específicos da classe nos programas nacionais de saúde sexual e reprodutiva, HIV e Aids, atenção às vítimas de violência sexual e humanização em saúde.

Durante o encontro, a Tiyane Vavasate decidiu adotar também como sua a Carta de Princípios da Rede Brasileira de Prostitutas.

Colaboração de Carlos Laudari, da Pathfinder International, desde Maputo



Foto: Carlos Laudari



Filha, mãe, avó e puta estreia com 'catigoria' e emoção

Maria Nilce. Foto R.P.



Estreia e pré-estreia da peça “Filha, mãe, avó e puta – uma entrevista”, no CCBB do Rio, 13 e 14 deste mês, tiveram plateia calorosa e estrelada. **Alexia Dechamps** como **Gabriela Leite**, autora do livro adaptado ao teatro, superou nervosismo e longa ausência do palco, brilhando como estrela maior. Juntas no fim da peça, comoveram o público. A alegria foi ao botequim, na pré-estreia, e a coquetel no CCBB, na estreia.

Outro fator em comum é incentivar o combate ao estigma, à hipocrisia, o apoio à regulamentação da prostituição. “A peça provoca interesse pela causa. Cresce na segunda parte, da postura política, quando ela assume a profissão e mostra a cara. Abre a história, a peça, abre a vida dela e você vê a dimensão de uma atitude política, pública, transformadora”, segundo a atriz **Leona Cavalli**.

Françoise Fourton, também atriz, apoia a opinião de Leona e mergulha no feminino: “Toda mulher tece sua fantasia ou compartilha com o companheiro. Fui arrebatada e quero saber qual o próximo movimento”, diz. “Um trabalho muito importante, num mundo cada vez mais careta, de hipocrisia. A reação da plateia é maravilhosa, adoro a direção do **Guilherme Leme** e o trabalho de Alexia. Uma reverência às mulheres”.

A cineasta **Eunice Gutman**, do premiado curta “Amores de rua”, também elogia direção e atriz. “Guilherme conseguiu coisa difícil: a naturalidade da atriz sendo entrevistada. Isso é talento do diretor. E Alexia estudou mesmo gestos, colocações”.

Já **Herson Capri** gostou “de tudo: texto, trajetória, história”. E compartilha uma bela sacada: “A prostituição já era globalizada muito antes da globalização”.

Outro artista a falar ao ‘Beijo’ é **Leopoldo Pacheco**, autor da caracterização de Alexia. Último a saber, o repórter pediu que ele comentasse o próprio trabalho. “Fiquei tenso, achei que não ia dar tempo. Sou muito crítico, mas acho que ficou bom o visagismo”, diz Leo, sem falsa modéstia.

Olhar antropológico vem da amiga **Soraya Simões**, que fez mestrado sobre prostituição. “Há um belo trabalho de encontrar o tom de Gabriela. Acompanha muito bem uma trajetória mais combativa que se desloca para a fina ironia”.

A cantora **Marília Bessy** associa a peça à obra literária. “Muita coisa do livro veio na minha cabeça. Dava umas três horas de peça a mais”. E a editora do livro publicado pela Objetiva, **Isa Pessoa**, o que diz? Assim: “As histórias comovem a gente”.

Tem também **Maria Nilce**, decana Daspu: “Fiquei emocionada, do começo ao fim”.

Já Gabriela achou “o máximo a reação das pessoas, o aplauso, a emoção”. E conta um segredo: “Guilherme me convidou para ir a uma sessão por semana. Talvez porque quando Alexia me chamou lá na frente, no fim da peça, deu um auê. Sei lá. Pode ser”.



Duas de uma, no encontro Gabi-Alexia. Foto João Mário Nunes



Alexia em momento maior. Foto Reginaldo Pimenta



Rafael Cesar, o quase-filho, Kaká Verdade, Angela Donini e o editor, com Gabriela



Leona Cavalli
Foto Flavio Lenz



Gabriela e Isa Pessoa.
Foto Reginaldo Pimenta



Guilhermina Guinle e Leopoldo Pacheco. Foto Flavio Lenz



Guilherme Leme, o 'antagonista' Louri Santos, Gabeira, Gabriela e Alexia. Foto Reginaldo Pimenta



A equipe da produção teatral. Foto João Mário Nunes

QUEM VIU CURTIU, QUEM NÃO VIU...

9



Senadora exige explicações da PF sobre operação que impediu brasileiras de embarcar para o exterior

Flavio Lenz

A senadora Marinor Brito (PSOL-PA), relatora da CPI do Tráfico Interno e Internacional de Pessoas, convocou o delegado federal André Santana a dar explicações sobre operação da Polícia Federal em 2007 que impediu o embarque de 13 brasileiras para a Turquia. O relato de Santana e a interpelação de Marinor Brito ocorreram durante a audiência pública da CPI na Assembleia Legislativa do Rio, no fim de agosto.

O delegado contou à CPI que a PF recebeu “denúncia anônima” de que um grupo de mulheres embarcaria do Rio para Istambul, onde “iriam ser exploradas sexualmente”. No Galeão, os policiais retiraram 13 mulheres do embarque para serem ouvidas, o que as impediu de viajar.

A primeira reação ao relato do policial foi de Gabriela Leite, da Rede Brasileira de Prostitutas, que também estava na mesa da CPI e trocou palavras com Marinor. Da plateia, o deputado federal Jean Wyllys (PSOL-RJ) disse que a descrição da operação indicava “pânico moral e distinção por classe e cor”. A relatora da CPI convocou então o delegado a depor sobre a operação.

“Gostaria de ouvi-lo reservadamente, em Brasília, sobre o caso específico, considerando o direito de ir e vir”, disse Marinor ao delegado, diante do público que lotava o auditório Nelson Carneiro.

Sem comprovação

Depois da audiência, o delegado Santana deu mais detalhes da operação ao ‘Beijo da rua’. Segundo ele, a denúncia era de que as mulheres seriam “bailarinas” que iriam para Istambul sob “o pretexto de apresentar danças típicas”. A PF do aeroporto “identificou” então um grupo de 13 mulheres e as convocou a “prestar esclarecimentos”. Elas apresentaram um “contrato escrito”, que foi examinado pelos policiais.

Durante a conversa, ainda segundo o delegado, as mulheres “desconfiaram” do contrato e, “receosas, desistiram de embarcar”. Com o grupo estaria também um homem, que não foi identificado. “O turco passou”, disse Santana. Na investigação que se seguiu, “não foi comprovado aliciamento”, segundo o policial.

O antropólogo Thaddeus Blanchett, que acompanhou a entrevista do ‘Beijo’, considera que “a Polícia Federal se sente completamente autorizada a interferir no direito de ir e vir de determinadas brasileiras, desde que sejam denunciadas como prostitutas”. Para ele, “muito provavelmente, a polícia está operando com filtro de raça, cor e classe, ou seja, só vai interferir com brasileiras que não conhecem seus direitos e que são fáceis de intimidar com ameaças vagas de criminalidade: putas pobres”.

Opinião semelhante tem Gabriela Leite: “A operação feriu o direito de ir e vir, o que certamente não seria feito com mulheres de classe média embarcando para Miami”.

Relatora quer clarear conceitos

“Clarear os conceitos relativos ao tráfico de pessoas” é uma das contribuições que a CPI do Senado deve dar ao Estado, de acordo com a relatora, Marinor Brito. “A CPI não pretende aumentar a repressão, é um movimento de mão dupla. O direito de migrar e de exercer a prostituição deve ser diferenciado do tráfico humano. É necessário aprofundar a discussão, criando fóruns com a participa-

ção da sociedade, e adequar a legislação, já que o Código Penal só pune o tráfico de pessoas se for para fins de exploração sexual”, disse ao ‘Beijo da rua’, pouco antes da audiência pública. A senadora também quer novas pesquisas para mapear o tráfico, já que a última é de 2000.

Para Gabriela Leite, “a posição da relatora é um avanço para os direitos das prostitutas”. Na audiência, a fundadora de Davida e Daspu repetiu o que o movimento vem afirmando faz vários anos: “Há confusão de conceitos e de temas. Mistura-se turismo sexual com exploração sexual de crianças e adolescentes, tráfico de pessoas com migração para o trabalho na prostituição. É muito chique ir para Paris estudar na Sorbonne, mas não se considera o direito de uma prostituta ir batalhar na Europa”.

Número mágico

Gabriela lembrou que ativistas anti-tráfico tem feito circular estimativas “fora da realidade” nas vésperas de eventos internacionais, como os que haverá no Brasil nos próximos anos. “Nas copas da Alemanha e África do Sul, repetiam o número mágico de 40 mil mulheres e crianças que seriam escravizadas para atender os torcedores, o que jamais foi comprovado”. Da plateia, Thaddeus Blanchette detalhou que uma super-mobilização da polícia alemã identificou oito (8) casos de tráfico humano e que os bordéis do país, onde a prostituição é legal, relataram queda no número de clientes. Os números na África do Sul foram semelhantes, disse.



Marinor e Freixo





Direitos humanos devem orientar combate ao tráfico

Sair do marco da criminalização para o dos Direitos Humanos, transformar política de governo em política de Estado e incentivar o protagonismo de quem se pretende proteger foram as propostas de Carlos Nicodemus, representante do Consórcio Trama na audiência fluminense. “Ao invés de quantos prendemos, quantos condenamos e quantos anos de pena foram aplicados, precisamos nos guiar por quantos protegemos e quantos tiveram alternativas”, afirmou.

Já Claudio Secchin, do Ministério do Trabalho, contou que o órgão vem identificando trabalho escravo no setores de cana, café e construção civil, os dois últimos transportando pessoas de outros estados para o Rio. Disse que a fiscalização é limitada por restrição de verbas para diligências e de pessoal da PF para acompanhar os fiscais. “O Grande Rio tornou-se um canteiro de obras e só temos 45 fiscais. Há construtoras que trazem pessoas de outros estados e as instalam em locais ruins e ainda cobram a passagem. Antes de se deslocar, o trabalhador precisa saber qual é a empresa, onde ficará, qual o valor do salário e ter a carteira assinada”.

Conjunção de políticas

Consultora da ONU para o II Plano Nacional do Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas, Ofélia Ferreira disse que o objetivo é aperfeiçoar o primeiro plano, por meio de plenárias livres e consultas virtuais, especialmente com as “pessoas mais afetadas”, e de diálogos com especialistas. A ênfase será em prevenção, repressão e responsabilização e em atenção às vítimas. O II Plano, coordenado pela Secretaria Nacional de Justiça, pretende ser “uma conjunção de políticas de Estado” e estará pronto em dezembro.

A audiência também contou, entre outros, com Andreia Sepúlveda, da Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos do Estado do Rio, com representante da Arquidiocese e com o deputado estadual Marcelo Freixo, do PSOL, que lembrou que o Rio foi campeão de casos de trabalho escravo em 2009. O confuso cerimonial da Casa se esqueceu da procuradora regional da República Gisele Porto, que falou rapidamente de pé, e convocou Gabriela Leite para duas mesas, a primeira só para “autoridades”.

Ativista defende legalização

A CPI do Senado foi instalada em abril e já fez diligências em Manaus, Salvador e Belém. Nesta capital, contou com Lourdes Barreto, do Gempac e da Rede Brasileira de Prostitutas. Ela destacou a posição das meretrizes “contra qualquer forma de exploração do ser humano” e reafirmou que a legalização da prostituição contribuirá para “combater com mais eficácia esses casos”. Ainda devem ser visitadas as cidades de Macapá, Campo Grande, Goiânia, São Paulo, Recife, Fortaleza e Natal.

Protocolo e Código Penal

Os artigos 231 e 231-A do Código Penal e o Protocolo de Palermo (2000), ratificado pelo Brasil, são o marco legal para o combate ao tráfico de pessoas no país. O segundo é documento adicional à Convenção das Nações Unidas contra o Crime Organizado Transnacional relativo à Prevenção, Repressão e Punição do Tráfico de Pessoas, em especial de Mulheres e Crianças. No Protocolo, a expressão Tráfico de Pessoas significa:

“O recrutamento, o transporte, a transferência, o alojamento ou o acolhimento de pessoas, recorrendo à ameaça ou uso da força ou a outras formas de coação, ao rapto, à fraude, ao engano, ao abuso de autoridade ou à situação de vulnerabilidade ou à entrega ou aceitação de pagamentos ou benefícios para obter o consentimento de uma pessoa que tenha autoridade sobre outra para fins de exploração”.

O Protocolo define exploração como sendo, no mínimo, “a exploração da prostituição de outrem ou outras formas de exploração sexual, o trabalho ou serviços forçados, escravatura ou práticas similares à escravatura, a servidão ou a remoção de órgãos”.

Já os artigos do Código Penal tratam de tráfico internacional e interno de pessoas.

Artigo 231: Tráfico internacional de pessoas

Promover, intermediar ou facilitar a entrada, no território nacional, de pessoa que venha exercer a prostituição ou a saída de pessoa para exercê-la no estrangeiro: Pena – reclusão, de 3 (três) a 8 (oito) anos, e multa. § 1º - Se ocorre qualquer das hipóteses do § 1º do art. 227: Pena – reclusão, de 4 (quatro) a 10 (dez) anos, e multa. § 2º Se há emprego de violência, grave ameaça ou fraude, a pena é de reclusão, de 5 (cinco) a 12 (doze) anos, e multa, além da pena correspondente à violência.

Artigo 231-A: Tráfico interno de pessoas

Promover, intermediar ou facilitar, no território nacional, o recrutamento, o transporte, a transferência, o alojamento ou o acolhimento da pessoa que venha exercer a prostituição: Pena – reclusão, de 3 (três) a 8 (oito) anos, e multa. Parágrafo único. Aplica-se ao crime de que trata este artigo o disposto nos §§ 1º e 2º do art. 231 deste Decreto-Lei

Outras informações em

www.mj.gov.br/traficodepessoas.



Minha vida em cartaz. Que medo!

É domingo e são 7 horas da manhã. Olho a tela do computador para escrever minha coluna do 'Beijo da rua'. Detesto acordar cedo, além do mais no domingo, que é o dia da preguiça. De manhã não sou ninguém. Se acordo cedo por alguma eventualidade, necessito de litros de café e alguns cigarros para coordenar as ideias. Hoje estou acordada desde as 6, virando de um lado pro outro da cama. Angústia e ansiedade são meus sentimentos. Faltam só dois dias para a pré-estreia da peça homônima ao meu livro. Não é pouca coisa.

Ao fim e ao cabo é a minha vida que estará em cartaz e isso dá um baita medo. Me sentarei na plateia e assistirei a mim mesma interpretada pela Alexia Dechamps. Ufa! Meus sentimentos estão tão misturados que até escrever e botar para fora minhas angústias está difícil.

Tudo começou há quase dois anos. Fui procurada pelo agente da Alexia, o Montenegro, que um dia, na fila do cinema, viu meu livro na livraria, comprou e naquela noite terminou de ler convicto, segundo suas palavras, de que iria levá-lo para o teatro. Logo mais a conheci. Tão diferente de mim. Extremamente bonita, alta e longos cabelos louros. Sei lá, gostei dela logo no início.

Contrato fechado, começamos a conversar. Alexia não tem o perfil de gostar de botequim. Só bebe vinho, artigo raro nos bares que frequento, detesta cerveja e está mais para os restaurantes de Ipanema. Todo caso, frequentou os botequins do Catete e da Glória comigo e assim fomos nos conhecendo.

No decorrer desse tempo, ouvi inúmeras vezes a frase: "Gabriela, por que a Alexia?" Assim como a frase era recorrente, minha resposta também era. Quem me procurou não foi uma atriz cultuada pelos intelectuais, por ser considerada uma "atriz-cabeça". Foi ela e não uma hipotética atriz. Fui percebendo também que as pessoas têm um certo preconceito da trajetória profissional de Alexia. Com certeza, temos algo em comum e estou muito feliz por ser ela que estará no palco sendo eu.



Conversando com uma pessoa da produção, ouvi que minha vida tinha passagens fortes tipo o estupro que sofri no início da minha vida sexu-

al. Levei um susto. Que estupro, cara-pálida, nunca fui estuprada na vida. Nesse momento tive a certeza nua e crua de que cada um lê aquilo que quer ler perante suas convicções. Ela se referia ao dia em que pela primeira vez fiz sexo com um homem. Ora, está claro no livro: não fui forçada a ir a casa dele, eu queria ir, eu queria transar, e se ele, com sua imensa vaidade, quis ridicularizar a minha pretensa modernidade, é outro papo.

Estarei no teatro para ver alguém que não será eu inteiramente, mas a vida de uma filha mais ou menos, de uma péssima mãe, boa avó e puta convicta

Fiquei amedrontada. Imagine eu lá da plateia ouvir uma triste história de estupro que não houve em hipótese alguma. Chorei muito e tive um sentimento de que não seria a minha vida que estaria no palco, e sim algo mais palatável à ditadura do politicamente correto.

Por não querer atrapalhar o processo criativo de quem quer que fosse, resolvi, naquele momento, que até a estreia não queria encontrar e nem conversar com ninguém, incluindo a Alexia. Cheguei ao cúmulo de pensar em não ir à estreia. Tudo passou. Faltam dois dias e chegarei ao teatro sem conhecer o roteiro. Esta foi minha decisão. Claro, tenho medo, ansiedade e angústia, mas lá no fundo de mim acredito que vou gostar e que será um exercício extremo de entender a diversidade de olhares. Entendi que não haveria processo criativo se as pessoas repetissem a minha visão de mundo igual papagaio.

São oito e quarenta da manhã de domingo e estou um pouco mais tranquila depois de escrever estas linhas. Terça-feira estarei no teatro para ver alguém que não será eu inteiramente, mas será sim, com toda certeza, a vida de uma filha mais ou menos, de uma péssima mãe, boa avó e puta convicta.

Obrigado, minha querida editora, Isa Pessoa, pela ideia de um título polêmico e pela convicção de que deveria publicar a minha história. Afinal, tudo começou aí.

